

A tragédia na barragem de Mariana – BR sob a ótica dos jornais portugueses¹

Georgia Baseggio SPILKA²

Fernando António Dias Zamith SILVA³

Maria Joana Chiodelli CHAISE⁴

Universidade do Porto, Porto, Portugal

Universidade de Passo Fundo, RS, Brasil

RESUMO

O presente estudo buscou compreender de que forma o jornalismo português tratou o acidente na barragem de Mariana, em novembro de 2015. Baseado nas teorias do jornalismo, buscou-se entender o que era mais levado em consideração na hora de noticiar. O quadro teórico foi composto basicamente por duas teorias: o agendamento (ou *agenda setting*), e o valor notícia (teoria do newsmaking). Para análise, foi usado como base o método de pesquisa de análise de conteúdo, a partir da conceituação proposta por Herscovitz (2007). Foram analisados quatro jornais de maior circulação em Portugal: *Diário de Notícias*, *Jornal de notícias*, *i* e o *Público*. Pode-se dizer que, comparativamente, pudemos avaliar uma postura equilibrada entre os veículos, em que alguns jornais deram maior destaque ao valor-notícia proximidade, e outros ao agendamento.

PALAVRAS-CHAVE: barragem; Mariana; agendamento; valor-notícia; proximidade.

Introdução

A bacia hidrográfica do rio Doce fica na região sudeste brasileira e abrange uma área de 83.400 km². Desse total, 86% pertencem ao estado de Minas Gerais e 14% ao

¹ Trabalho iniciado na disciplina de Jornalismo Comparado, cursado no período de intercâmbio na Universidade do Porto, de setembro de 2015 a fevereiro de 2016. Apresentado no IJ 1 – Jornalismo do Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016

² Bacharel em Jornalismo pela Universidade de Passo Fundo – UPF/RS, e-mail: georgia.spilka@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto – UP/Porto – PT. Diretor do Departamento de Ciências da Comunicação e da Informação, e-mail: fzamith@letras.up.pt

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da Universidade de Passo Fundo – UPF/RS. Mestre em Ciências da Comunicação pela UNISINOS/RS, e-mail: mariajoana@upf.br

Espírito Santo, em uma região que compreende 222 municípios. Tem sua foz no oceano Atlântico na localidade da Vila de Regência, pertencente ao município de Linhares, no Espírito Santo.

Rio Doce nasce na Serra da Mantiqueira, com o nome de Rio Piranga. No Município de Ponte Nova, o Rio Piranga se encontra com o Rio do Carmo, que vem desde Ouro Preto entre os morros e então, passa a se chamar Rio Doce.

A formação de povoados e cidades ao longo do Rio Doce, desde o tempo do Império, trouxe a exploração dos recursos naturais, como a extração de pedras preciosas e o ciclo do ouro no século XVI, por exemplo. Mais tarde, no início do século passado, a construção da Estrada de Ferro Vitória – Minas, também gerou danos ambientais, pois passou a transportar minério de ferro extraído das montanhas de Minas, com destino ao exterior.

Atualmente, o Vale do Aço é a região de maior densidade populacional da Bacia do Rio Doce. Do ponto de vista econômico, a extração vegetal e mineral teve papel decisivo para sua ocupação.

A Vale é uma mineradora multinacional brasileira e a terceira maior empresa de mineração do mundo. Uma potência na exportação de minério de ferro, criada para a exploração das minas de ferro na região de Itabira, no estado de Minas Gerais em 1942 no governo Getúlio Vargas. A Vale é hoje uma empresa privada e de capital aberto.

A Samarco, subsidiária da Vale, é a empresa que beneficia o minério na região de Bento Rodrigues, distrito de Mariana (região pertencente ao rio do Carmo), aumentando seu teor de ferro, para depois exportar para outros países. Os dejetos dessa ação eram estocados pelas barragens.

No dia 5 de novembro de 2015, houve o rompimento da barragem de Fundão, na unidade industrial de Germano, entre os distritos de Mariana e Ouro Preto. Quatro barragens compõem a mina da Alegria, da Samarco, em Mariana: a de Fundão, que se rompeu, a de Santarém e a de Germano, que estão sob risco, e a Cava de Germano.

Segundo o Ibama, estima-se uma poluição de 50 milhões de metros cúbicos de rejeito de mineração. Uma análise laboratorial identificou partículas de chumbo, alumínio, ferro, bário, cobre, boro e mercúrio na água, tornando o rio inútil. Além desses metais pesados, a própria força da lama prejudicou a biodiversidade matando animais terrestres e

aquáticos por asfixia. Ao todo, 80 espécies habitavam a bacia do Rio Doce antes do desastre. Dentre elas, 11 estavam ameaçadas de extinção.

A principal fonte de arrecadação da cidade de Mariana (cerca de 80%) vem da mineradora. São R\$ 9 milhões por mês só com o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). Agora, o rio teve o seu curso natural bloqueado, fazendo com que perdesse força.

O que aconteceu no Brasil foi o maior desastre ambiental da história do país (Felippe, 2016, p.3). O mar de lama continua a seguir pelo Rio Doce, devastando toda a vida no curso da água, em direção ao Oceano Atlântico. Ao todo, 19 pessoas morreram, sendo que o último corpo foi encontrado em março de 2016. E cerca de 300 famílias foram atingidas⁵.

Até o dia final da pesquisa (5 de dezembro de 2015), não foi concluída a origem do desastre. Mas há especulações de que a causa esteja relacionada a omissões durante o processo de licenciamento ambiental em Minas Gerais. A mineradora informou que está sendo realizado um plano de recuperação ambiental da área destruída.

Para esse trabalho, pretende-se entender como o acidente ambiental na barragem de Mariana repercutiu nos impressos portugueses, e a diferença de tratamento entre um e outro. A análise deste caso terá como base quatro jornais: *Diário de Notícias*, *Jornal de notícias*, *i e o Público*.

Buscando cumprir com os objetivos do trabalho, será feita uma análise de conteúdo das edições dos diários, compreendida entre o dia 5 de novembro de 2015, dia em que a barragem de Fundão se rompeu, ao dia 5 de dezembro de 2015. Com um mês de análise, busca-se entender como a imprensa portuguesa tratou ao acidente, mesmo com outros acontecimentos históricos acontecendo em paralelo, como o atentado terrorista em Paris, no dia 13 de novembro de 2015.

Nesse contexto, a pergunta que motiva este estudo passa a ser: Como o valor notícia de proximidade e o agendamento se articularam para tratar da tragédia na barragem de Mariana?

⁵ As informações que integraram a introdução do presente estudo, foram obtidas através dos sítios web da Prefeitura de Mariana – MG, in, <http://prefeitura2014.pmmariana.com.br/dados-demograficos>; IBGE, in, <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=314000&search=minas-gerais|mariana>; Ibama, in, <http://www.ibama.gov.br/publicadas/samarco-e-multada-em-r250-milhoes-por-catastrofe-ambiental>;

Fundamentação teórica

O *agenda setting* foi pensado pelos pesquisadores Maxwell McCombs e Donald Shaw. Em estudo realizado em 1979, Shaw descreve a hipótese do *agenda setting*, em decorrência da ação dos meios de informação. Segundo Shaw (1979), as pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os *mass media*⁶ incluem ou excluem do seu próprio conteúdo.

A mídia, então, é apresentada como agente modificador da realidade social. No ponto de vista dos autores, esta construção trata o poder dos meios de comunicação exercem sobre a opinião pública e a sociedade.

Em seu artigo, McCombs e Shaw (1972) tinham o propósito de investigar a capacidade de agendamento da mídia na campanha presidencial de 1968 nos Estados Unidos. A intenção era confrontar o que os eleitores de *Chapel Hill* (local escolhido para a realização da pesquisa) consideravam serem as questões chaves da campanha com o conteúdo expresso pela mídia. Para isso, foi feita uma pergunta para identificar os eleitores que não tinham seu candidato definido. Junto com essa enquete, foi feita uma análise do conteúdo nos meios de comunicação local, regional e nacional.

A questão era: "O que é que o tem preocupado mais durante estes dias? Isto é, sem ter em conta aquilo que os políticos dizem, quais são as duas ou três questões sobre cuja resolução acha que o Governo deveria se empenhar?" (McCombs e Shaw, 1972 In: TRAQUINA, 2000, p. 50).

Neste estudo, McCombs e Shaw (1972) concluíram que a política é tratada de modo imperfeito pelos veículos de comunicação. Apesar disso, a conclusão do estudo apresenta a função do agendamento, ou seja, de que as pessoas tendem a considerar as informações da mídia acerca do que é importante.

Baseado na obra de McQuail (2003), o agendamento é a influência dos meios de comunicação de massas, na importância dos acontecimentos noticiosos. O autor acredita que essa influência pode ser intencional ou não, assuntos ou personagens, são afetados na opinião pública pela ordem da apresentação noticiosa. Assume-se que quanto maior é a atenção da mídia em determinado fato, maior será a importância atribuída pela audiência das notícias. Partindo desse ponto, se pode avaliar qual o grau de interesse que o leitor cria, quando se depara com uma pequena nota na lateral da página, ou com uma reportagem mais elaborada.

⁶ Refere-se ao conjunto dos meios de comunicação de massa. Isto é, jornais, rádio, televisão, etc.

Para Pena (2005), o agendamento defende a ideia de que os consumidores de notícia tendem a considerar determinados assuntos mais importantes quando são veiculados na imprensa.

O autor cita também a obra de Walter Lippman (1922), que entendia a imprensa como “agente modeladora de conhecimento”, usando estereótipos como forma simplificada e distorcida de entender a realidade.

Não mais baseado no papel da mídia sobre a notícia, a teoria do agendamento tomou outros rumos. Com o passar dos anos, a teoria se debruçou sobre a influência sobre como as pessoas entendem a notícia e como isso forma sua opinião sobre o mundo. As informações recebidas não são mais acompanhadas de reflexões, e a pauta da conversa entre as pessoas já não é mais o problema em si, mas sim, como ele é debatido.

Sousa (2006), faz uma crítica ao *agenda setting*. Define como uma teoria que pode subestimar a realidade, pois o valor do real pode se sobrepor à influência da agenda dos meios de comunicação na definição da agenda pública. Cita também a influência direta de um veículo sobre outro, por exemplo, quando um telejornal da hora do almoço pega assuntos resumidos pelo telejornal da manhã.

Neuman, Just e Crigler (1992), também criticam o *agenda setting*

Existe uma relevante dissonância entre a agenda mediática e a agenda pública, uma vez que a primeira raramente agenda temas importantes para a vida das pessoas. Pelo contrário, os meios centrariam a sua atenção sobre as peculiaridades do dia a dia, especialmente sobre atividades públicas, enquanto as pessoas estão, de fato, interessadas nos grandes temas, como a guerra e a paz, ou a eventual falência do "estado social", ou, então, estão interessadas nos temas que lhes interessam diretamente, como formas práticas de obter maior longevidade, saúde, prazer e segurança (Sousa, 2006, pg. 505).

Sousa (2006) cita que a capacidade de agendamento é diferente entre os meios de comunicação. Por exemplo, o impresso (quando de qualidade), traz uma “visão sólida e aprofundada do assunto” (Sousa, 2006, pg. 502), enquanto a televisão transmite a informação de forma mais sucinta e superficial.

McCombs (1976) defende que o *agenda setting* pode subestimar a própria realidade, isto é, o valor real da notícia pode influenciar a agenda dos meios de comunicação. Behr e Iyengar (1985) dizem que as notícias de maior impacto são as que o *agenda setting* mais dá atenção. Porém, Zucker (1978) diz que a influência da mídia está diretamente ligada a assuntos que as pessoas não possuem total conhecimentos nem experiência direta, como, por exemplo, política externa de um país.

Valor notícia

Os valores-notícia fazem parte do contexto das teorias construcionistas do jornalismo. Tais teorias têm o início de seus estudos datados na década de 70, por meio de metodologias etnográficas. Para Traquina, “as notícias são o resultado de um processo de produção definido como a percepção, a seleção e a transformação de uma matéria-prima (principalmente os acontecimentos) num produto” (Silva, 2005, p.94). A seleção dos fatos (matéria-prima) é que define o que será noticiado ou não (o produto).

Traquina (2005) cita que “onde há morte, há jornalistas” (2005, p.79). Para ele, a morte é um critério de noticiabilidade importante. Na sociedade contemporânea, as pessoas passaram a pensar na morte apenas como uma estatística.

Pena (2005) defende que o newsmaking informa e tem referência com a realidade. Traquina e Wolf consideram valor notícia: constrangimento organizacional, construção da audiência e rotina de produção. Wolf (1999) defende que o processo de produção da notícia é como uma rotina industrial. O processo de planejamento da produção, supera o paradigma de manipulação da notícia que o jornalista é questionado.

Para Tuchman (1978, p. 120), “a imprevisibilidade dos acontecimentos noticiáveis, que podem surgir em qualquer parte e a qualquer momento, os jornais organizam-se de forma a impor ordem no tempo e no espaço. ” Por isso, os veículos se empenham para ordenar a distribuição de notícias. Seja por área geográfica, ao enviar correspondentes a outros países, por especialização organizacional, e por especialização temática, como editorias específicas e cadernos.

Silva (2005) comenta que

A noticiabilidade do acontecimento considerando origem do fato, fato em si, acontecimento isolado, características intrínsecas, características essenciais, atributos inerentes ou aspectos substantivos do

acontecimento. Antes de se pensar nos critérios de noticiabilidade atuantes no tratamento do fato, e em todas as diferenciações de apresentação da notícia em produtos jornalísticos diversos, é possível investigar a repetição da seleção primária, a homogeneidade da escolha por diferentes profissionais e veículos.

Para Wolf (1999) é notícia aquilo que é suficientemente interessante e relevante. Porém, para antes avaliar o que é interessante e relevante, deve-se considerar a posição do jornalista ou da linha editorial da organização em que ele se encontra. Wolf diz que um fato que possui determinados requisitos pode vir a ser noticiado. Portanto, ele tem valor notícia. Os valores-notícia são critérios de relevância. Eles se misturam em todo o processo de produção e estão presentes na seleção das notícias.

Outro autor que cita o valor notícia é Kunczik (2002, p. 243), que defende que os critérios de noticiabilidade são hipóteses da intuição do jornalista. E isto está relacionado com o que interessa à determinado público.

No século XX, Lippmann (1922), elege como atributos, a clareza, surpresa, proximidade geográfica, impacto e conflito pessoal. Foi o primeiro autor a citar a “proximidade” como um valor-notícia crucial.

Metodologia

Para esta pesquisa, a metodologia eleita é a análise de conteúdo. Segundo Herscovitz (2007), “o profissional vai encontrar um modelo para entender o produtor da notícia, o receptor desta, a organização que coordena aquele veículo, e o processo produtivo e aspectos culturais nele implícitos” (Herscovitz, 2007, pg. 17).

Herscovitz (2007) defende que exista um modelo que reúne elementos quantitativos e qualitativos. E diz que não existe método perfeito de pesquisa, mas sim, bem conduzidos e construídos. Nessa base, a autora defende que se recolham os materiais (seja ele impresso, áudios, digital ou eletrônico), e os enquadre em categorias previamente estudadas.

Para ordenar os materiais, Herscovitz (2007) indica a unidade e as categorias de análise. Com isso, é possível identificar detalhes de cada categoria, e analisar individualmente cada item.

A partir da análise quantitativa dos jornais, buscou-se entender como foi tratado o maior acidente ambiental brasileiro a partir da cobertura de veículos em Portugal. A análise se propôs pesquisar quantas páginas foram dedicadas ao acontecimento, quantas notícias foram publicadas, quantas fotografias, se o assunto mereceu cobertura na capa, e quanto espaço ocuparam.

Com base nas teorias de Herscovitz (2007), foi construída uma grelha para analisar cada um dos jornais. Dentro dela, os itens de análise foram compostos por conteúdo textual da capa: se é manchete, está no topo, na lateral, ou no rodapé. Bem como a fotografia da capa: se é grande, média ou pequena.

Para o presente estudo, teve como base o trabalho de Silva (2005). No trabalho, ela cita que os redatores deveriam saber distinguir o que é importante e o que é comum. Aponta como valores explícitos a novidade, a proximidade geográfica, a proeminência e o negativismo.

Quanto ao tipo de referência, já dentro do exemplar, temos as seguintes situações: nota, notícia, entrevista, reportagem, cronologia ou infografia. E como anteriormente citado, nas referências, o tamanho das fotografias aplicadas.

E por fim, a localização, que varia entre: 1ª página, matéria especial, seção internacional, e destaque dentro da seção. E o espaço destinado ao tema: 1 parágrafo, até 1/8 da página, até 1/4 da página, meia página, até 1 página, até 2 páginas.

Análise

O *Diário de Notícias* não fez nenhum tipo de menção ao fato dentro do período intitulado para pesquisa, de 5 de novembro de 2015, dia do rompimento da barragem, a 5 de dezembro de 2015.

O *Jornal de Notícias* mostrou o caso três vezes. Todas elas na dentro da editoria “Mundo”. Com apenas um parágrafo, no dia 11 de novembro, falou da Promotoria do Estado de Minas Gerais e do número de mortos e desaparecidos.

No dia 18 de novembro, uma notícia mais elaborada, acompanhada de duas fotos médias, traçou um pouco do que aconteceu no Rio Doce, citando fontes brasileiras como *O Globo* e a *Folha de São Paulo*.

E por fim, no dia 19 de novembro, uma nota, acompanhada de uma foto pequena, citou a situação de emergência do estado e alguns números da tragédia.

O *i* publicou o tema uma vez, com uma notícia de meia página, no dia 18 de novembro. Deu enfoque principal às multas aplicadas e as críticas que a Presidente Dilma Rousseff recebeu por ter se manifestado apenas nas redes sociais, e por ter visitado o local da tragédia apenas de helicóptero.

O jornal *Público* apresentou duas reportagens, no dia 10 de novembro, ocupando uma página inteira, e no dia 17, com uma página e meia. Com mais detalhes e deixando o *lead* um pouco de lado, o *Público* deu uma atenção especial ao fato.

Há um contraste bem grande entre os jornais, principalmente entre o *Diário de Notícias* e o *Público*, onde para um, o acidente não existiu, e para o outro, foi um grande marco na história brasileira.

Análise Qualitativa

Depois da análise quantitativa, procedi a uma análise qualitativa que me permitiu interpretar o conteúdo publicado pelos jornais e perceber de que forma o tratamento noticioso varia na imprensa nacional. Neste tipo de análise, tive atenção especial no conteúdo textual e icônico.

Pouco menos de uma semana após a tragédia, no dia 11 de novembro, o *Jornal de Notícias* apresentou uma nota referindo a Promotoria do Estado de Minas Gerais, que havia identificado negligência da Samarco no rompimento da barragem de Mariana. Na ocasião, foram citados quatro mortos e 22 desaparecidos. E na sequência uma citação, sem identificação de autor. Não houve nenhum tipo de contextualização do acidente, para que o texto fizesse sentido. Tem poucas informações, e por ser a primeira vez que o acidente foi tratado, não trouxe nada útil para o leitor.

Quase duas semanas do acidente, no dia 18 de novembro, o jornal atendeu melhor o fato. No decorrer dos parágrafos, o Rio Doce, o desastre em si, e as consequências da Samarco tomaram forma. Além de dar detalhes dos números de poluição e atingidos, citou as fontes dos jornais brasileiros. Apesar disso, há a informação de que duas barragens haviam se rompido, e em nenhum momento cita o nome da única afetada, a de Fundão. Duas fotos foram aplicadas na notícia. Uma, o homem de semblante triste assiste de dentro de casa a lama passar. E a outra imagem, mostra pessoas protestando em frente à sede da Vale.

Com uma notícia mais embasada, pode-se ter uma noção do impacto do acidente. As questões de valor notícia de proximidade e o agendamento se estreitam um pouco quando se tem duas fotos, grandes números e a citação de outras fontes de informação.

A terceira e última vez que o *Jornal de Notícias* cita Mariana, é no dia 19 de novembro, com uma nota e uma imagem pequena no topo da página. “*Mais de 200 municípios de Minas Gerais, atingidos por deslizamentos de terras...*”, a informação totalmente equivocada do assunto, mistura o número total de municípios da região de Mariana, com os, reais, 35 municípios afetados. E o rompimento da barragem não poderia ter sido abordado como “deslizamento de terras”. Além disso, a informação errada do dia anterior, de que duas barragens haviam se rompido, não fora corrigida. A foto que acompanha, é apenas da lama que tomou conta do Rio Doce.

O *i* é um jornal mais ligado ao entretenimento do que os outros três analisados. Com cadernos especiais, entrevistas longas e reportagens mais elaboradas sobre variados temas. Nem por isso deixou de dar uma atenção à Mariana. Em meia página, no dia 18 de novembro, redigiu a maior parte sobre os números da tragédia, como as multas aplicadas a Samarco, a dimensão da poluição e os atingidos. Ao fim do texto, comentou a crítica à Presidente, Dilma Rousseff, por ter se manifestado apenas nas redes sociais, e por ter visitado o local da tragédia apenas de helicóptero.

Nessa situação, a forma como é abordado o tema, faz com que o leitor pense na ruptura da barragem como meros números em uma estatística. Estreita o agendamento, por serem grandes números, mas não emociona.

O maior exemplo de agendamento se deu nas duas reportagens do jornal *Público*. Com personagem e detalhes, o jornal conseguiu transmitir o sofrimento da população local e o tamanho do impacto ambiental sofrido no território brasileiro.

No primeiro título, do dia 10 de novembro, o autor faz o leitor pensar: “*Uma aldeia sumiu na lama – foi acidente ou crime ambiental?*”. A reportagem da uma contextualização, mas usa a questão ambiental como gancho principal. Quando o assunto é o meio ambiente, ele aproxima o leitor do fato, tendo em vista que o assunto é de interesse atual e mundial.

Já no segundo título, do dia 17 de novembro, “*O Brasil não tem as cores de França por causa da lama de Minas Gerais*”, o leitor percebe que é um assunto

importante, pois remete a uma comparação com os também recentes atentados em Paris, no dia 13 de novembro deste ano. Essa rápida relação chama a atenção e instiga o leitor.

O texto da matéria é completo, abordando as famílias desabrigadas, o impacto ambiental e a postura da Presidente da República, além de contextualizar o tema de forma delicada. A imagem escolhida para ilustrar a reportagem é de um carro em cima de uma casa coberta de lama. Mostra a força do mar de lama que tomou os municípios, e a destruição.

Considerações finais

A partir desse estudo, pode-se entender um pouco da visão da mídia da Europa sob o Brasil. O principal motivo pelo qual o valor notícia de proximidade deixa de ser lavado em consideração, é quando o foco é o meio ambiente. Quando o gancho do assunto é atual e se desprende de apenas noticiar os fatos, cria um interesse maior. Na reportagem do *Público* do dia 17 de novembro, em meio à diagramação do texto, há um olho que diz: “*O Rio Doce acabou. Parece que atiraram a tabela periódica para dentro dele*”. Esse trecho instiga o leitor a entender o que aconteceu.

Outra questão é quando o agendamento não é levado em consideração na escolha das pautas. Isso acontece quando o assunto não é abordado em nenhum momento no *Diário de Notícias*, ou como quando em duas situações é dada apenas uma nota de um parágrafo, como visto no *Jornal de Notícias*.

Há certo esquecimento por parte do *Diário de Notícias*, que no período de um mês, não cita nenhuma vez o acidente. Tornando-o, para o leitor exclusivo do *Diário de Notícias*, um fato inexistente. A questão do valor notícia de proximidade pode ser decisiva para escolher ou não uma pauta, mas a partir do dia 21 de novembro, quando a lama tóxica chegou ao Oceano Atlântico, o tema vira assunto de cunho mundial. Sendo um compromisso com a sociedade o relato desse marco.

Por conta do *Jornal de Notícias*, em algumas situações, houve um pouco de descaso com a veracidade das informações. O leitor exclusivo do *Jornal de Notícias* tem informações erradas, e em certas alturas, até inúteis. O valor notícia de proximidade é deixado um pouco de lado, porém o agendamento não traz toda a intensidade do problema.

A proximidade do fato é um dos mais importantes pontos do valor-notícia. Pois é ele que determina o que o leitor quer ver. Entre uma rua fechada na cidade do Porto e um acidente

ambiental no Brasil, o que move a vida do cidadão aqui, é o fechamento da rua. Deixando de importar com o que está a ocorrer no outro lado do oceano.

Muitas vezes, o jornalista esquece-se de contextualizar os fatos, e por isso, acaba não dando a atenção necessária. Ter a real noção da importância do Rio Doce, não só para o Brasil, mas para o mundo como um todo, seria o pontapé inicial para a avaliação do valor notícia de proximidade dar-se por inválido na ocasião.

A questão da proximidade encontrou outro obstáculo, que foi o atentado terrorista em Paris, no dia 13 de novembro de 2015 (6 dias após o rompimento da barragem). Pelo período de terror que a Europa passava e o número de feridos deixados na casa de shows (entre eles, três portugueses), o atentado tomou conta de todos os jornais do mundo.

Mesmo não sendo o objeto desse trabalho, a comparação entre o atentado terrorista e o rompimento da barragem em Mariana, não pode deixar de ser feita. Traquina (2005) cita em sua obra, que “onde há morte, há jornalistas”. De fato, Paris teve muito mais notoriedade devido às mais de 130 pessoas mortas nos ataques.

O estudo teve muitas particularidades durante seu processo. Abre um leque de possíveis pesquisas na comparação de mídias de diferentes países. Enquanto no Brasil, todas as mídias noticiavam, na Europa, o foco era outro. A questão de maior proximidade com a França, afetou a escolha de noticiar ou não o rompimento da barragem. Exatamente da mesma forma, que a distância considerável do Brasil à França fez com que a mídia brasileira se debruçasse mais sob Mariana.

O comportamento de um impresso para o outro em Portugal, também é um ponto importante. A linha editorial de cada um, influencia quando a redação escolhe fazer uma reportagem mais elaborada, ou quando decide não noticiar.

Referências bibliográficas

RIBEIRO, Vasco (2006), *Fontes Sofisticadas de Informação*, Porto

TAVARES, Maria da Conceição (06/03/97), *A Importância da Vale do Rio Doce*, Correio Brasiliense, in <http://www.eco.unicamp.br/artigos/tavares/artigo24.htm> (consultado em novembro de 2015)

MCQUAIL, Dennis (2003), *Teoria da Comunicação de Massas*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa

MESQUITA, Mário (1998), *O Jornalismo em Análise. A Coluna do Provedor dos Leitores*, Coleção Comunicação, Coimbra

REIS, Paulo Ricardo da Costa; Silveira, Suely de Fátima Ramos; Costa, Ivy Silva (data não identificada), *Caracterização socioeconômica da bacia do rio Doce: identificação de grupos estratégicos por meio de análise multivariada*, in <http://www.emapegs.ufv.br/docs/Artigo65.pdf> (consultado em novembro de 2015)

WOLF, Mauro (2006), *Teorias da Comunicação Social*, Editorial Presença, Lisboa

SILVA, Gislene (2005), *Para pensar critérios de noticiabilidade*, Estudos em Jornalismo e Mídia Vol.II Nº 1, in <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/viewFile/2091/1830>

SUBTIL, Filipa (2006), *Compreender os Media. As extensões de Marshall McLuhan*, Coleção Comunicação, Coimbra

FERNANDES, Mtra. Juliana de Brum (2003), *A Hipótese do Agenda Setting: Estudos e Perspectivas*, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, Brasil, in <http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n35/jbrum.html>

SOUSA, Jorge Pedro (2006), *Elementos de Teoria e Pesquisa*, www.bocc.ubi.pt, Porto, in <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-teoria-pequisa-comunicacao-media.pdf>

POZOBON, Rejane Oliveira; MIRANDA, Clarissa Mazon (2012), *Protocolo de análise para classificação das fontes jornalísticas em mídia impressa: uma ferramenta para o estudo do enquadramento*, Revista ALCEU - v. 12 - n.24 - p. 16 a 30, Santa Maria, in <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Artigo%2024.pdf>

DOCE, *Avaliação ambiental integrada dos aproveitamentos hidrelétricos da bacia hidrográfica do rio* (2005), Empresa de Pesquisa Energética, Minas Gerais, in http://www.epe.gov.br/MeioAmbiente/Documents/MeioAmbiente_7/TR%20AAI%20Rio%20Doce.pdf

FELIPPE, Miguel Fernandes. et al. (2016), *A tragédia do rio Doce a lama, o povo e a água*, Relatório da Expedição ao Rio Doce, Minas Gerais, in http://www.ufjf.br/noticias/files/2016/02/ufmg_ufjf_relatorioexpedicaoorio doce_v2.pdf